

Alemanha de Hitler: O Nazismo como Fenómeno Grupal. Uma Perspectiva Bioniana

Clara Pracana

O presente trabalho explora a via aberta por Wilfred Bion, na sua teoria de grupos, para a análise dos fenómenos colectivos. Embora Bion tenha deixado, a partir dos anos sessenta, de escrever especificamente sobre grupos, o seu interesse no assunto não cessou. Estou mesmo convicta de que as experiências com grupos terão feito parte da sua *aprendizagem com a experiência*. Se dúvidas existirem a esse respeito, atente-se nas palavras da sua filha, Parthenope Bion Talamo, e colegas:

Ficámos um pouco surpreendidos [na Conferência de Turim, em Julho 1997] com *Experiences in Groups* (...) ser ainda considerada como sendo a única obra de referência de Bion para o assunto [os grupos] – e sugerimos que se leia *A Memoir of the Future* (...), *Cogitations* (...), seminários vários, *War Memoirs* (...), e outros escritos autobiográficos de Bion que têm os grupos em mente (Talamo et al. 1988: 7).

Não posso deixar de notar como é curioso que Bion, na obra seminal *Experiences in Groups and Other Papers*, publicada em 1961 (a maior parte dos textos são anteriores e previamente publicados na revista *Human Relations* a partir de 1948), tenha preferido recorrer a exemplos de fenómenos colectivos retirados da Bíblia e da Antiguidade.

de (a sucessão de Samuel, por exemplo, ou, ainda, o Egipto dos faraós) e tenha, pelo menos explicitamente, deixado passar sem comentários aquela que foi possivelmente a mais terrível experiência colectiva vivida por uma comunidade humana – o nazismo. Talvez a explicação para esta aparente omissão esteja na sua personalidade que entendo como mais reflexiva e menos interventiva. De qualquer modo, é minha convicção que os ensinamentos dos mestres são para ser utilizados na compreensão não só de nós próprios, mas também do mundo e da sociedade que nos rodeia. Freud fê-lo ao longo da sua vida e da sua obra. É um excelente exemplo e um modelo a seguir, dentro das minhas modestas possibilidades.

Animada por este propósito, irei explorar, de seguida, esta hipótese de trabalho: teria sido o nazismo/hitlerismo possível em qualquer modo de funcionamento grupal? De que modo é que as características da sociedade alemã, como grupo, se ‘combinaram’ com as características pessoais de um líder como Hitler? E em que circunstâncias? Irei argumentar, ao longo deste trabalho, que Adolf Hitler dispunha de uma competência especial para manipular as emoções primitivas dominantes num grupo a funcionar em pressuposto básico, reforçando a regressão colectiva e o retorno a estados emocionais arcaicos, num processo de *feedback* que teve lugar entre as patologias individuais, da família e da comunidade. Para isso, irei sobretudo recorrer aos trabalhos de Wilfred Bion e de Donald Meltzer, entre outros.

A TEORIA DOS GRUPOS DE BION

Bion esteve na frente de batalha na Primeira Guerra Mundial, tendo sido condecorado por duas vezes. Julgo que a experiência que ganhou na chefia de uma secção de combate muito terá contribuído para as suas reflexões sobre liderança. Conforme ele próprio afirma, a experiência foi particularmente dolorosa. Em 1982, escreve na sua autobiografia *The Long Week-End*: ‘Eu? Ah, sim, morri – no dia 8 de Agosto de 1918’, numa referência à sua terrível experiência na Batalha de Amiens. Com o advento da Segunda Guerra, Bion voltou ao exército britânico, desta vez para colaborar na selecção de oficiais, tendo para o efeito criado uma técnica de avaliação em grupo. Outra das áreas em que foi pioneiro foi a reabilitação de soldados que sofriam de stress pós-traumático, para o que também recorreu ao trabalho

com grupos que, mais tarde, voltaria a utilizar em grupos terapêuticos.

São as suas experiências com estes grupos que ele descreve em *Experiences in Groups* e, mais tarde, em *Attention and Interpretation* (publicado pela primeira vez em 1970). Estes grupos eram, no geral, constituídos por sete a dez pessoas. Esse facto levanta, desde já, a primeira reflexão: será que poderemos extrapolar para grupos maiores, para comunidades inteiras? Defenderei, ao longo deste trabalho, que sim, que é possível, já que o essencial da teoria se mantém.

Para Bion, o grupo não começa no seu início – ou seja, no momento em que se reúne. A interpretação, essa sim, começa com o encontro de um grupo de indivíduos. O grupo é, no limite, apenas o lugar onde é mais fácil ler o indivíduo, onde se pode observar aquilo que só o comportamento do grupo permite observar, ou seja, fenómenos que parecem estranhos a um observador pouco acostumado a usar o grupo. O grupo é, pois, pré-existente a si próprio e continua depois de o grupo acabar². Neste ponto, Bion está completamente de acordo com Freud (1921): não faz sentido distinguir a psicologia individual da psicologia grupal, porque não há indivíduo que não esteja em grupo, *mesmo que não esteja lá ou se comporte como se não estivesse* (Bion 1994: 131).

Conforme Freud escreveu em ‘Psicologia de Grupo e Análise do Ego’ (1921), é condição necessária para que o grupo se forme e se mantenha que os seus membros se identifiquem entre si, o que conseguem, colocando o objecto (no caso, o líder) no lugar do ideal do Eu. Bion contrapõe a este modelo neurótico de introjecção do objecto a tese de que o funcionamento dos grupos é sobretudo do tipo psicótico³. Segundo Bion, fantasias e ansiedades primitivas emergem nos grupos, obstruindo o seu funcionamento como grupos de trabalho. Foram estas fantasias partilhadas, estas formas primitivas de actividade mental, estes estados emocionais arcaicos, avessos à aprendizagem e ao contacto com a realidade, que Bion designou por ‘presupostos básicos’ (*basic assumptions*).

No último dos textos que integram *Experiences in Groups*, intitulado ‘Review’, no qual é nítida a influência de Melanie Klein, Bion refere-se aos mecanismos de regressão e despersonalização do tipo psicótico que o indivíduo experimenta em grupo e estabelece a ligação com a oscilação e interacção dinâmica entre as posições esquizo-paranóide e depressiva, tais como Klein as definiu⁴. Os presupostos básicos, esses estados emocionais primitivos, são partilhados pelos membros do grupo, mas algumas pessoas têm uma maior

disposição, uma maior *valência*⁵ para um certo tipo de estado emocional associado a um dos três pressupostos básicos que Bion identificou, e que são:

1. O pressuposto básico da dependência (*basic assumption of dependence*, designado por *baD*), no qual as emoções predominantes no grupo são a impotência e a dependência em relação ao líder. O grupo comporta-se como se o líder soubesse tudo e fosse capaz de tomar conta do grupo, de o proteger, de assegurar a satisfação de todas as suas necessidades e desejos. No clima emocional que acompanha este pressuposto, escreve Bion, o grupo parece partilhar a crença de que se reúne para ser amparado por um líder, de quem depende para se proteger e alimentar, tanto material como espiritualmente. O culto do líder desenvolve-se bem neste pressuposto básico, desde que haja alguém disposto a desempenhar esse papel da forma que o grupo deseja. Porém, este líder acabará por desapontar o grupo, provocando assim a sua hostilidade e rejeição e a sua rápida substituição por outro líder que, ele também, prometa ‘salvar’ os membros do grupo, ou seja, curá-los. No grupo básico de dependência, o sentimento de culpa é frequente: o indivíduo sente que está a exigir mais do que a sua quota parte da atenção do líder (o pai). Por outro lado, sente-se frustrado na satisfação dos seus desejos e necessidades, deprimido.

2. Outro pressuposto básico considerado por Bion foi o de emparelhamento ou messiânico (*basic assumption of pairing*, *baP*); assenta na esperança de que da associação de duas ou mais pessoas possa sair um líder, um salvador (ou uma ideia) que será capaz de resolver os problemas do grupo. Conforme notou Bion, os sentimentos associados com o grupo messiânico, no polo oposto aos sentimentos de ódio, destrutividade e desespero, são a expectativa e a esperança. A esperança messiânica, no entanto, jamais pode ser satisfeita, sob pena de o deixar de o ser. No estado emocional de *pairing*, ao grupo interessa mais o futuro do que a solução dos problemas actuais.

3. O terceiro pressuposto básico é o de ataque/fuga (*basic assumption of fight-flight*, *baF*) e tem sobretudo a ver com as técnicas de autopreservação do grupo e com a fantasia partilhada de que existe um inimigo comum, interno ou externo, do qual o grupo precisa de fugir ou, pelo contrário, atacar. As emoções características deste tipo de grupo básico são o medo, o ódio, a raiva, a inveja e a necessidade de acção. O líder deste tipo de grupo (que tem frequentemente características paranóides) deve estar preparado para conduzir o grupo contra um inimigo comum e, se ele não existir, criá-lo. Espera-se

dele que saiba reconhecer o inimigo e os perigos que ameaçam o grupo e conduzi-lo à vitória. De acordo com Bion, 'o líder não tem maior liberdade para ser ele próprio do que qualquer outro membro do grupo' (Bion 1994: 167). Ele é a 'criatura' do grupo, como acontece, a nosso ver, em qualquer dos pressupostos básicos enunciados, devido aos processos simultâneos e multilaterais de introjecção e de identificação projectiva que têm constantemente lugar entre os membros do grupo.

Num grupo sem líder, como alguns dos que Bion estudou, ou pelo menos em que o líder não se assume como tal, e descarta a assunção da responsabilidade de 'curar' os membros do grupo, assiste-se, mais tarde ou mais cedo, à emergência de um líder, que é sempre – Bion é bem claro quanto a isso – *o mais doente dos indivíduos*⁶. Este aspecto parece-me particularmente importante na teoria de Bion e bem significativo daquilo que as pessoas esperam do grupo, designadamente do seu líder: que as 'cure'. Será também um aspecto crucial na análise que irei a fazer do nazismo neste trabalho.

A teoria dos pressupostos básicos foi concebida por Bion para explicar os fenómenos que ele vinha observando nos grupos com os quais trabalhou. O que parecia acontecer era que, num dado momento, e de uma forma imprevisível, os membros abandonavam a atitude de cooperação necessária à prossecução de uma determinada tarefa (modalidade de *grupo de trabalho*) e comportavam-se como se tivessem medo de alguma coisa, uma esperança irracional, ou ainda um desiderato não explicitado a que pareciam dedicar-se colectivamente.

De acordo com Bion, as emoções próprias dos pressupostos básicos fluem de uma matriz originária e vão invadir, por vezes dominar, a vida mental do grupo. É a essa matriz originária, espécie de protótipo daquilo que virá a ser a organização mental, que Bion designa em *Experiences in Groups* por 'sistema protomental'. Para este sistema refluem, numa espécie de circuito circular, os pressupostos básicos que não estejam operativos num determinado momento.

O sistema protomental contém em si as diversas possibilidades combinatórias das emoções mais primitivas, das várias valências, dos pressupostos básicos. Os 'pré-natais', designação que Bion vai utilizar cerca de quinze anos depois em *A Memoir of the Future*, seriam essas partes primitivas, anteriores à diferenciação das actividades física e mental e que pertenceriam ao nível do 'somatopsicótico' (Bion 1991a). Nesta obra, Bion chama a estas partes primitivas os 'pré-natais' do 'sistema somatopsicótico', em vez de 'sistema protomental', como fizera em *Experiences in Groups*. Haveria, assim,

uma vida grupal dentro de cada indivíduo, organizada de uma forma que tem algumas semelhanças com a organização narcísica, como nota Donald Meltzer (1986: 38). Segundo Bion, para que o indivíduo possa desenvolver-se, crescer e transformar-se é necessário que possa integrar as partes pré-natais da personalidade e pô-las a comunicar com os 'pós-natais'. A estagnação e a regressão, a recusa de enfrentar a realidade, a incapacidade de aprender, são características dos três pressupostos básicos, tornando impossível o trabalho em comum, a aprendizagem, o crescimento.

Bion estabelece ainda o conceito de *mentalidade grupal* que define como a expressão unânime e anónima da vontade do grupo. Os indivíduos contribuem para ela de forma não consciente, sentindo uma sensação desagradável quando pensam ou se comportam em desacordo com os pressupostos básicos. A mentalidade grupal seria, pois, uma 'máquina de intercomunicação' que garante que a vida grupal decorra em conformidade com os pressupostos básicos dominantes (Bion 1994: 65).

Bion acreditava que o grupo de trabalho, cuja função equipara à do Eu freudiano, designadamente no que respeita a aprender com a experiência, percepção da realidade, preocupação com a verdade e princípio da cientificidade, acaba normalmente por triunfar, a longo prazo, sobre o grupo a operar em pressuposto básico. Não obstante, os pressupostos básicos e as emoções que lhes estão associadas, continuariam a emergir de uma forma imprevisível e irregular. Ainda de acordo com Bion, existem grupos de trabalho especializados em manipular os grupos básicos e as obstruções a eles associadas, por forma a que não ameacem o próprio grupo: as Igrejas seriam um exemplo disso para o pressuposto básico de dependência, o exército para o pressuposto ataque/fuga e a aristocracia para o pressuposto básico de emparelhamento.

Em termos de comportamento colectivo, muito depende, portanto, do estado emocional em que o grupo está no momento. Os teóricos das questões organizacionais que recorrem aos conceitos de Bion reconhecem isso mesmo e, ainda, a possibilidade e as vantagens de manipular os pressupostos básicos. Entre eles, A. Kenneth Rice considera que os pressupostos básicos podem ser usados para facilitar a execução da tarefa, utilizando as emoções associadas a um determinado pressuposto para controlar e suprimir as emoções associadas aos restantes pressupostos e que poderão estar a obstruir o trabalho do grupo⁷.

HITLER E A ALEMANHA

Assinado em Junho de 1918, o armistício veio por termo à carnificina que foi a Primeira Guerra Mundial. Meses depois, o Tratado de Versalhes irá consagrar as medidas tomadas pelos países vencedores. Hoje, os historiadores estão de acordo quanto ao irrealismo das condições impostas à nação alemã, que estipulavam reparações e indemnizações impossíveis de serem cumpridas. Acresce ainda que o *crash* da Wall Street que ocorreu em Outubro de 1929 se espalhou rapidamente pelo resto do mundo. Nos inícios da década de 1930, a Alemanha tinha já sido atingida mais gravosamente do que muitos outros países, sobretudo devido ao funcionamento estruturalmente deficiente da sua economia. A inflação atingira níveis alarmantes e o desemprego tornara-se um flagelo incontrolável⁸. A conjuntura veio a agravar-se ainda mais com a retirada das ajudas americanas na sequência da Grande Depressão. Traumatizada pela derrota e fortemente humilhada pelos vencedores da Guerra de 1914-18⁹, é lícito supôr-se que, como comunidade (leia-se grupo), a antiga grande potência alemã tinha sido fortemente atingida na sua auto-estima. Carente de uma identidade (problema que já vinha de trás) e deprimida no seu conjunto, a sociedade alemã estaria a necessitar de um tipo especial de líder: o líder que lhe promettesse a ‘cura’, por outras palavras, o tipo de líder que, de acordo com Bion, emerge preferencialmente num grupo a operar no pressuposto básico de dependência.

Assim, utilizando os conceitos e a teoria de Bion, podemos explicar aquilo que temos dificuldade em aceitar. A sociedade alemã, entendida como um grupo, esperava desesperadamente que emergisse um líder com os traços psicopáticos de Hitler: tinha de ser alguém ‘doente’, porque era justamente isso que o grupo dependente exigia. Em 1933, Hitler surge como o ‘salvador’, uma característica típica do líder emergente num grupo básico deste tipo. Não nos podemos esquecer que o partido nazi ganhou as eleições para o Reichstag em 1933 – não houve golpe de estado¹⁰. De facto, Adolf Hitler não surgiu do nada – desde a década de 20 que ele sonhava com a tomada de poder. É provável que, nessa altura, o grupo não estivesse ainda no estado emocional adequado à emergência desse tipo de líder, ou seja, alguém com uma fortíssima capacidade para intuir o que as pessoas queriam ouvir e para lhes prometer as soluções para os problemas e ansiedades dominantes, ligadas ao trauma da derrota de 1918, a uma fortíssima crise de identidade e a uma situação económica catastrófi-

ca. Como vimos, Bion chamou a esta capacidade *valência*. Marvin Skolnick, outro dos autores que estudam e trabalham com o modelo clínico bioniano aplicado às organizações, escreveu a este propósito:

A correspondência entre o conteúdo psíquico e o processo dos pacientes psicóticos, de um ponto de vista clínico, e o conteúdo inconsciente e o processo que ocorre nos grupos e organizações compostos por 'normais' é notável. A presença de pressupostos básicos em todos os grupos, independentemente da saúde mental dos seus membros, aponta, mais uma vez, para a linha fina que existe entre o indivíduo clinicamente psicótico e os processos de tipo psicótico que invadem a vida do grupo. Como aconteceu no caso da Alemanha nazi, nações inteiras podem ser arrastadas por pressupostos básicos da forma paranóide mais primitiva, levando a actuações homicidas em dramatizações de objectos parciais, ao passo que os membros do grupo, individualmente examinados, revelam um perfil 'mentalmente saudável' pelos padrões do DSM (Skolnick 1998: 72; aspas originais).

Donald Meltzer desenvolveu também importantes conceitos aplicáveis ao funcionamento grupal. Em 1976, escreveu, em conjunto com Martha Harris, um trabalho para a OCDE intitulado 'Um Modelo Psicanalítico da Criança-na-Família-na-Comunidade'⁷⁷, no qual cria um modelo multidimensional que aplica o pensamento psicanalítico (Freud, Abraham, Klein, Bion, Money-Kyrle e Meltzer) aos processos individuais/familiares/comunitários. Este modelo permite compreender as dinâmicas que têm lugar nos grupos e nas sociedades e as interacções entre o indivíduo e o colectivo, designadamente a forma como o desenvolvimento deficiente do indivíduo pode facilitar a emergência de patologias ao nível da família e influenciar a relação com a comunidade, e reciprocamente.

Em trabalho anterior (Pracana 2001), procurei desenvolver com alguma profundidade a aplicação deste modelo ao entendimento dos processos psíquicos individuais e grupais que terão tido lugar, no meu entender, na Alemanha nazi e pré-nazi. Se bem que, de uma forma mais resumida, gostaria também aqui de sublinhar alguns aspectos que me parecem importantes para a compreensão do fenómeno individual vs. colectivo.

O modelo, que os seus autores pretendem que tenha uma utilização para além da situação clínica, confere grande importância ao processo de aprendizagem. Bion considerava que a *aprendizagem*

com a experiência era o único processo válido de aprendizagem: o único que resulta da experiência emocional e permite, assim, a *transformação* do indivíduo. Para tal, é necessário que a família, ou a comunidade, assegurem a função contentora. Na sua ausência, terão lugar outros tipos de aprendizagem eventualmente patogénicos, ligados aos pressupostos básicos operantes, e que irão, por sua vez, influenciar a família e a comunidade e, por outro lado, favorecer a emergência de outras perturbações e de relações destrutivas entre as várias instâncias intra e extra-psíquicas. Há, pois, aqui uma articulação entre a organização interna do indivíduo (que, como vimos atrás, pode assumir um funcionamento em pressuposto básico, que emerge do sistema protomental) e a socialização, para a família e para a comunidade (num movimento centrífugo), das patologias dominantes. Paralelamente, poderá assistir-se ao movimento inverso (centrípeto) das patologias: da família ou da comunidade para o indivíduo.

No modelo de Meltzer & Harris, a família pode assumir diversos tipos: a família-casal, a família casa-de-bonecas, a família patriarcal, a família matriarcal, a família gang e a família invertida. Ainda de acordo com este modelo, a família poderá ter as seguintes funções: gerar amor, promulgar o ódio, promover a esperança, semear o desespero, conter a dor depressiva, emanar a ansiedade persecutória, criar a confusão e a mentira ou ainda permitir o pensamento. Estas funções relacionam-se com as dimensões ao longo das quais se desenvolve a vida mental da criança (designadamente, a estrutural, a dinâmica, a económica, a genética, a geográfica e a epistemológica) e ainda com os seis tipos de comunidade considerados pelos autores¹². Os movimentos que conduzem ao crescimento ou à regressão dependerão dos fluxos entre estas várias instâncias. Assim, os fluxos centrífugos (do indivíduo para a comunidade) e os fluxos centrípetos (da comunidade para o indivíduo) progridem em espiral, num processo de retroalimentação contínuo.

No que respeita à aprendizagem, é função da família (ou, em certos casos, da comunidade) criar as condições necessárias para que a aprendizagem com a experiência possa ter lugar, designadamente promovendo a esperança, contendo a dor depressiva, gerando amor e permitindo o pensamento¹³. Quando estas funções falham, surgem outros tipos de aprendizagem que favorecem a emergência de patologias ligadas ao funcionamento em pressuposto básico, como sejam a aprendizagem por identificação projectiva e por identificação adesiva, designadamente aquilo que Meltzer designa por 'aprender com o agressor'.

Tentarei demonstrar que a família de Hitler não preencheu as funções necessárias à aprendizagem com a experiência e que outros tipos de aprendizagem deficiente tiveram lugar, favorecendo os fluxos patogénicos centrífugos e centrípetos. Podemos classificar a família de Hitler como patriarcal, na classificação de Meltzer & Harris. Trata-se, como veremos, de uma família do tipo punitivo, em que a figura paternal é dominante e a mãe surge como deprimida e incapaz. Neste tipo de família, o elemento feminino é permanentemente desvalorizado (a mãe é, muitas vezes, tratada como mais uma das crianças) e as expressões de ternura são consideradas fraquezas.

Hitler¹⁴ nasceu em 1889 em Braunau, na Áustria, numa aldeia perto da fronteira com a Alemanha, de um terceiro casamento do pai, Alois Hitler, um funcionário da alfândega. As duas primeiras mulheres tinham morrido ambas de tuberculose. A relação de Alois com Klara (a mãe de Adolf Hitler) já vinha muito atrás e existem sinais de que ela se sentiria culpada pela morte das duas antecessoras. Klara era uma mulher deprimida e triste, muito obcecada com o seu quarto filho, Adolf (tinha perdido já dois rapazes e uma rapariga). Era, certamente, uma mãe muito pouco contentora. Podemos imaginar a angústia desta mulher, a quem o marido pouco ligava e que perde três filhos em sequência, o último quando já estava grávida da criança que viria a chamar-se Adolf, e um quarto filho anos mais tarde. Precedido de uma sucessão de mortes, o pequeno Adolf vê morrer este irmão quando tinha onze anos¹⁵. Hitler parece ter sido uma criança doente. Em adulto, foi hipocondríaco e estava constantemente preocupado com a higiene e com a alimentação: só ingeria refeições vegetarianas especialmente preparadas para ele, não fumava, nem bebia. Era, no entanto, um consumidor compulsivo de doces. Os autores que se debruçaram sobre a sua vida, referem frequentemente a sua oralidade exagerada. Há mesmo quem defenda a tese de uma compulsão coprofílica que, no entanto, e ao que julgo, nunca foi definitivamente provada (Langer 1972; Delpla 1999). Algumas pessoas que o conheceram em pequeno afirmaram que era uma criança com tendência para ter acessos de raiva e o mesmo é referido por muitos que com ele privaram já em adulto. Parece que gostava muito de cantar no coro da escola e de discursar para os seus colegas. Em adulto, e já chanceler, tinha sempre por perto um líquido para amaciar a garganta. Não terá sido coincidência que, como alguns defendem, se tenha suicidado com um tiro na boca, enterrado nas profundezas de um *bunker*¹⁶.

Apesar de o pai Alois ter sido um homem violento, irascível e certamente tirânico, não há testemunhos de que batesse na mulher ou fosse alcoólico. Hitler viria a escrever em *Mein Kampf* que o pai costumava beber e agredir Klara e os filhos. Julgamos que tal faria parte do seu romance familiar, que ele gostava de encher com detalhes sobre a brutalidade e alcoolismo do pai. O facto de, ao que se julga, ter só um testículo¹⁷ pouco terá contribuído para a auto-estima do pequeno Adolf, a quem a mãe terá transmitido a culpabilidade pela morte das duas primeiras mulheres do marido e de quatro filhos. A mãe de Adolf, conta o médico que tratava a família, era uma maníaca da limpeza. As crianças eram castigadas quando se sujavam e Klara era conhecida por manter a casa imaculadamente limpa e arranjada.

Alois, mais velho vinte e três anos do que Klara, morre quando o filho tinha catorze anos. A partir desse momento, Hitler terá manipulado sem restrições a mãe, que não sabia dizer-lhe não. O médico da família conta que nunca vira uma ligação tão intensa entre mãe e filho. Alguns autores insistem no carácter patológico desta relação (cf. Bromberg 1974: 236). Klara apoiou e financiou o desejo do filho de estudar arte e arquitectura em Viena e, aparentemente, nunca veio a saber que a escola de arte tinha recusado a sua candidatura. O seu amigo da altura, Kubizek, afirma que Hitler passava horas e horas a desenhar e a falar dos seus planos arquitectónicos que envolveriam a reconstrução das principais cidades da Áustria e da Alemanha.

Embora não seja possível, no âmbito deste trabalho, ir mais longe na análise da vida e da história de Hitler, não posso deixar de referir um aspecto muito particular: existem evidências de que Hitler acreditava e temia ter sangue judeu (Waite 1993). Este fantasma estaria ligado, certamente, à incerteza quanto à ascendência do pai. De facto, desconhecia-se, e desconhece-se, a identidade do pai de Alois. A avó de Hitler dera à luz Alois quando tinha quarenta e dois anos e trabalhava em casa de uma família provavelmente judaica. Acresce a isto que Hitler parece ter vivido obcecado com o incesto (referia-se frequentemente aos judeus como incestuosos). Aparentemente, preocupá-lo-ia o grau de consaguinidade entre os pais, embora pareça certo que Alois tenha alterado o seu registo de nascimento para não constar como filho de pai incógnito. Ao proceder a esta falsificação, no entanto, que o dá como filho do avô de Klara, torna-se tio desta (ela, aliás, chamava-lhe 'tio'). Mais tarde, quando quis casar com ela, isso constituiu um obstáculo diante das autoridades

esclesiásticas que foi preciso remover com o pretexto de que ela estava grávida. O facto é que Hitler mandou, em 1939, arrasar por completo o cemitério onde estava enterrada a sua avó, para que não restassem testemunhos da ‘contaminação’.

Como Meltzer & Harris fazem notar, a família patriarcal parece ser particularmente instável, com tendência para funcionar no modo do pressuposto básico de dependência e para favorecer a formação de gangs. A existência de um pai persecutório e violento favorecerá, num processo de identificação negativa, a rebelião nos filhos do sexo masculino, ficando as meninas na dependência masoquista do pai.

Podemos supor, com alguma razoabilidade, que, com a morte do pai, os traços patológicos de Hitler tomaram uma forma mais definida. Abandonou o liceu pouco tempo depois e parece ter estado durante alguns anos sem fazer nada, ou seja, aquilo que o pai não teria permitido (identificação negativa). Quando lhe perguntavam o que gostaria de vir a ser, respondia ‘um grande artista’. A mãe ter-lhe-á facilitado este comportamento, até que morre, com um cancro, tinha Hitler dezoito anos.

No que diz respeito à relação do jovem Hitler com a comunidade, é lícito supor-se, a partir do que sobre ele e essa época se conhece, que os possíveis aspectos benevolentes da comunidade terão sido por ele aproveitados de uma forma parasitária e destrutiva. Mas a comunidade, mesmo a mais benevolente, tem a conhecida tendência para a demonização dos seus membros mais doentes; na melhor das hipóteses, poderá ignorá-los (Meltzer & Harris 1994). Hitler levou uma vida de pária em Viena, depois da morte da mãe e com o término do apoio financeiro que ela sempre lhe tinha prestado. Sintomas também da sua relação perturbada com a família e com a comunidade (que ele deveria sentir como persecutória) são a sua forte aversão à Áustria (*o pai*), por oposição ao amor que tinha à Alemanha (*a mãe*), que o terá levado a voluntariar-se entusiasticamente para combater no exército alemão, mal começou a Primeira Guerra Mundial¹⁸. Como ele próprio referiu, tinha ‘Um amor intenso pela minha pátria Austro-Germânica e um ódio amargo ao estado Austríaco’ (cit. in Langer 1972: 172). Note-se, a este propósito, que Hitler utilizava a palavra *Pátria* no feminino e não no masculino como é uso na língua alemã. A *Mátria*, no nosso entendimento, corresponderia à parte boa da mãe idealizada, da mãe cujas fotografias este homem perturbado transportava para onde quer que fosse e que colocava por cima da cabeceira.

Quinze anos passaram entre o fim da Primeira Guerra e a ascensão ao poder de Hitler. Terá sido o tempo necessário para que, na sociedade alemã, o estado emocional predominante passasse a ser o do pressuposto básico de dependência. Os primeiros tempos do que foi o embrião do partido nazi, nos anos 20, têm a ver com um tipo de organização¹⁹ a operar no pressuposto básico de ataque/fuga e que promove sobretudo o ódio. Nesse pressuposto, as expressões de violência são erradamente entendidas como sinal de força e convicção, supostamente ao serviço da justiça e do direitos dos indivíduos. Neste pressuposto, o essencial é agir – o tempo não permite a reflexão. Como observa Erik Erikson (1995: 309), a propósito da ideologia nacional-socialista, o que importava era ‘avançar sem olhar para trás’.

E o que consegue fazer, por fim, este ‘homem doente’? Ele revela uma valência notável, essa especial capacidade de combinar com o pressuposto básico dominante, e ainda uma notável habilidade para manipular as oscilações entre os vários pressupostos básicos. Bion chamou a esta última competência (característica, a meu ver, dos líderes carismáticos, mas essa é uma questão que excede o âmbito deste trabalho) o *uso sofisticado do pressuposto básico*. Um líder com as valências de Hitler teria de ser capaz de manipular as necessidades de dependência e de canalizar a raiva do seu grupo. Para além disso, deveria ainda ter a capacidade de constituir o grupo de trabalho (reduzir o desemprego, aumentar a produção, ganhar a guerra), manipulando os pressupostos básicos que emergiam a todo o momento.

Julgo poder afirmar que as patologias emergentes no indivíduo-na-família-na-comunidade se foram repetindo ao longo da vida do ditador, com os efeitos trágicos que se conhecem e num processo que só terminou com a sua morte. Por outro lado, é provável que Hitler tivesse, como líder carismático, as características referidas por Meltzer & Harris – confusão entre o sonho e a realidade – que facilitam a passagem ao modo de funcionamento em pressuposto básico:

o impacto carismático de um membro cuja vitalidade é acompanhada por uma grave confusão entre o sonho (o mito) e a realidade externa, alguém para quem o passado e o futuro estão mais vivos do que o presente. Um indivíduo assim é capaz de galvanizar um estado de espírito de vivência no passado ou para o futuro, que caricatura o amor altruísta (Meltzer & Harris 1994: 423).

Hitler vai prometer aos alemães aquilo que eles mais queriam ouvir: que o engrandecimento da Alemanha seria o seu próprio engrandecimento. Como por vezes acontece, o verso de um poema faz a frase de propaganda: 'Deutschland erwache!'²⁰. Como notou Abraham Zaleznik (1984: 227), 'A vida e o trabalho de Hitler ilustram o retorno a formas primitivas de pensar e agir. Só um líder carismático com estas características poderia ligar as suas fantasias primitivas ao potencial de regressão de uma nação'.

A fase que decorre até 1939 terá sido aquela em que o líder promete curar a comunidade dos problemas que a afligiam e que correspondeu, predominantemente, ao pressuposto de dependência. A oscilação entre este pressuposto e o de ataque/fuga, veio, no meu entender, a tornar-se dominante à medida que a Segunda Guerra Mundial evoluía. A este líder não bastava prometer, nem essa situação se poderia prolongar indefinidamente. Era preciso encontrar um inimigo externo (pressuposto básico de ataque/fuga), quando o inimigo interno (os judeus, os comunistas, os ciganos, os homossexuais e outros 'indesejáveis') já não bastava para mobilizar o ódio das massas. Hitler, ou a sua imagem idealizada, permitiu aos alemães projectarem no outro os seus objectos internos maus. Este é um fenómeno bem conhecido, comum provavelmente a todas as guerras e agressões colectivas. O que será, felizmente, menos comum, é a notável valência de Hitler para manipular a mentalidade grupal básica. Até que ponto, e como tal foi possível durante doze anos, é difícil ainda conceber. Talvez seja necessário, para o compreendermos, recorrer ao conceito de Freud, em 'Psicologia de Grupo', de 'identificação ao líder', a que me referi extensamente em anterior trabalho (Pracana 2001). Não podendo aqui desenvolver este tema, não resisto, porém, a citar esta frase do diário de Goebbels, escrita numa altura em que Hitler estaria zangado com ele: 'Dói-me o coração... É como se me tivessem arrancado parte de mim próprio. Só metade de mim existe'²¹. Nestas palavras, é bem visível como os conceitos de Bion sobre despersonalização e perda de individualidade (projecção das partes 'boas' no líder), típicos do pressuposto básico de dependência, podem ser úteis no entendimento do fenómeno da valência Hitler/Alemanha.

Ainda recorrendo ao modelo de Meltzer & Harris, é interessante observar como funcionava o círculo mais íntimo à volta de Hitler. O que os documentos filmados nos mostram é uma versão technicolor da função social que tinha lugar no terraço da casa de montanha de

Hitler, com os Alpes Bávaros em pano de fundo. Nesta versão pervertida de *Música no Coração*, as personagens parecem cumprir, com razoável convicção, os seus papéis no enredo. Hitler beija com energia a mão às senhoras casadas e cumprimenta de uma forma notavelmente hirta as solteiras (mas não era todo ele rígido? Charlie Chaplin representa-o, cinematográfica e genialmente, como um boneco articulado). Eva Braun (no papel da 'loira burra'?) está estendida na cadeira a apanhar sol e a sorrir para as câmaras, enquanto acaricia o cãozinho de colo. O secretário particular Bormann, de rosto fechado, sempre vigilante e colado ao chefe (não era o papel dele?). O elegante Albert Speer, o arquitecto favorito de Hitler, faz conversa social, escondendo um ligeiro enfado (era um representante deslocado da alta burguesia; Hitler apreciava-o também por isso). Um Göring monstruosamente avantajado e toxicómano (mas isso não é ali visível). O cão pastor-alemão de Hitler que rasteja quando o dono se aproxima (supostamente para lhe fazer festas, mas o terror do cão, esse, é visível). Não se percebe o que é mais impressionante: se a aparente normalidade da cena (Hannah Arendt diria 'banalidade'), que sabemos agora sinistra, se o contraste do cândido com o grotesco.

O lado espectacular do que nos é mostrado e que nos aparece agora como incongruente, até obsceno, corresponde à forma como este grupo se relacionava com a comunidade: destrutiva e parasitariamente. Tal como Meltzer nota, neste tipo de relação patológica e patogénica, a sociedade é suposta alimentar, e até proteger, isto é, providenciar os meios necessários à continuação do *status quo*, o qual, por sua vez, assegura a sobrevivência dos indivíduos 'doentes'. O líder deste grupo básico foi aquilo que o grupo exigia; onnipotente e onnisciente, tanto podia mostrar-se benévolo como tirano, dependendo, aparentemente, do comportamento dos filhos estar ou não de acordo com as suas convicções – veja-se o texto de Goebbels, mas muitos outros exemplos deste tipo se podem encontrar nos escritos deixados pela entourage de Hitler. Tal como Bion notou, o líder deste tipo de grupo é aquele que promete salvar os membros do grupo deles próprios ou de um inimigo exterior. Foi preciso o pai matar-se, no dia 30 de Abril de 1945, para que a regressão colectiva tivesse, em termos grupais, um fim. Mas mais de vinte anos depois da morte de Hitler, Albert Speer, o nazi arrependido, declara à sua biógrafa Gitta Sereny: 'Acho que precisava de estar junto dele [Hitler]; a sua proximidade e a sua morte aparecem-me com fazendo parte uma da outra'²².

A organização infantil da personalidade, que nos parece ter sido dominante no caso de Hitler, caracteriza-se por técnicas manipulativas ao serviço da parte destrutiva da personalidade, que são assim descritas por Meltzer & Harris:

A parte destrutiva está sempre a competir com os objectos bons pela liderança, e é-lhe naturalmente crucial, em cada situação, estabelecer a sua hegemonia, explorando todas as técnicas de propaganda, sedução e ameaça, para dominar as outras partes infantis. É o mentiroso, o fanfarrão, o cínico, o corruptor. Explora o ciúme, a intolerância à dor mental e a ignorância das outras partes [da personalidade] para impôr a sua autoridade, reivindicando onisciência (...) e onipotência (Meltzer & Harris 1994: 399, itálico original).

Ocorre-me também a este propósito um texto de Herbert Rosenfeld, que faz magistralmente, a meu ver, a ponte do individual para o colectivo – afinal, o tema deste trabalho. Também Freud (1921: 69) já escrevera muito tempo antes: ‘a psicologia individual é simultaneamente psicologia social’. O texto de Rosenfeld incide sobre as pulsões de vida e de morte e sobre a existência de um ‘gang interno dominado por um líder’ apostado em destruir as partes mais saudáveis da personalidade, às vezes sob uma capa ‘salvadora’. A descrição parece-me aplicar-se ao caso de Hitler e à organização do tipo psicótico que teria dominado a sua perturbada personalidade:

Em alguns pacientes narcísicos, as partes narcísicas e destrutivas do self estão ligadas a uma estrutura ou organização psicótica, que está clivada da restante personalidade. Esta estrutura psicótica é um mundo de ilusão (...). Neste mundo de engano, os impulsos destrutivos aparecem por vezes abertamente como esmagadoramente cruéis, ameaçando de morte, para afirmar o seu poder, a parte restante do self; mais frequentemente, surgem sob o disfarce da benevolência onipotente ou salvadora, prometendo ao indivíduo soluções rápidas e ideais para todos os seus problemas. Estas falsas promessas têm com função tornar o self normal do paciente dependente ou viciado no seu self onipotente, e atrair as partes saudáveis para esta estrutura ilusória, por forma a aprisioná-las (Rosenfeld 1971: 175).

Com as necessárias alterações, esta poderia ser uma descrição precisa de um grupo a operar num pressuposto básico de dependência ou de ataque/fuga, organizado sobre o sistema protomental de que nos fala Bion, e liderado por uma 'criatura', cuja mortífera obsessão remete para catastróficos mecanismos colectivos que só podem ter como desenlace a destruição²³.

NOTAS

1. Bion 1991b: 131.
2. Isto faz sentido, como veremos mais adiante, para os grupos a operar em pressuposto básico. Não é inteiramente verdade para os grupos de trabalho, tal como Bion os define.
3. Bion, ao contrário de Freud, considera que o grupo a funcionar num dos pressupostos básicos tem um comportamento mais psicótico do que neurótico. Uma investigação mais aprofundada mostra que cada pressuposto básico contém características que correspondem, de muito perto, a objectos parciais extremamente primitivos e que, mais tarde ou mais cedo, a ansiedade psicótica, própria destas relações primitivas, irrompe (Bion 1994: 189).
4. Pedro Luzes sintetiza da seguinte forma as duas posições kleinianas: Posição esquizo-paranóide, predominante durante os 3 a 6 primeiros meses de vida, com impulsos destrutivos, angústia persecutória e tendência para a clivagem e identificação projectiva. Posição depressiva, sobrepondo-se à anterior, com integração da mãe num objecto total, angústia de tipo depressivo, tendência para utilizar, cada vez mais, o mecanismo da reparação que está na base das relações objectais estáveis e das sublimações (Luzes 1978: 67).
5. O termo valência, retirado da física atómica, designa a capacidade do indivíduo para se 'combinar' com outros indivíduos num padrão de comportamento estabelecido, ou seja, num pressuposto básico.
6. Bion 1994: 119, 121 e 123. Bion refere expressamente 'casos psiquiátricos', 'paranóides esquizofrénicos', 'personalidades psicopáticas' e ainda 'histéricos malignos'.
7. Leia-se o que escreve Rice:

Os grupos de trabalho podem comportar-se com sofisticação e maturidade e podemos usar os pressupostos básicos para facilitar a

execução da tarefa; as emoções associadas a um determinado pressuposto básico são então usadas para controlar e suprimir as emoções associadas com os restantes pressupostos básicos. Os grupos de trabalho com maturidade esperam dos líderes a mobilização do pressuposto apropriado, para a realização da tarefa. Se o pressuposto básico apropriado é o de dependência, o líder, embora realista, tem de ser uma pessoa de quem os outros possam depender; se for o do emparelhamento, o líder deverá ser forte, mas conhecedor das suas limitações. Se for o caso do pressuposto de ataque, deve ser agressivo de uma forma construtiva, corajoso mas não imprudente; para o pressuposto de fuga, deverá ser capaz de desenredar o grupo de uma situação difícil, mas não pode ser cobarde, nem deve esperar ser capaz de resolver todos os problemas do grupo nesse processo (Rice 1965: 27).

8. Uma das primeiras medidas do governo nazi foi criar empregos na construção e sector público.
9. Em 1918, os soldados alemães na linha da frente choram de desespero e humilhação quando tomam conhecimento da assinatura do armistício. Muitos alemães pensaram que tinham sido 'esfaqueados pelas costas' pelos políticos que os governavam. A propaganda nazi usou *ad nauseam* esta imagem, reflectindo a especial habilidade de Hitler utilizar a seu favor as emoções predominantes na sociedade alemã. Diz-se que ele próprio, chocado com o fim abrupto da guerra e com as condições em que a cessação de hostilidades tinha sido assinada, terá tido um episódio de cegueira histórica que durou alguns dias, durante o qual deixou de ver (cf. Waite 1993: 204; Lindholm: 1990: 109).
10. Nas eleições de Novembro de 1932, o partido nazi obtém 33,1% dos votos e, nas de Março de 1933, 51%.
11. Cf. Meltzer & Harris 1986 e ainda Meltzer & Harris 1994.
12. Comunidade benevolente, comunidade apoiante maternal/paternal, comunidade parasitária maternal/paternal e comunidade paranóide.
13. De referir que Bion tem um conceito de pensar mais amplo do que o habitual que passa pela *emoção* e também pela *intuição*.
14. Para estas notas sobre a infância e vida adulta de Hitler, recorrerei sobretudo a Langer (1972), Bromberg (1974), Fest (1974), Rappaport (1974), Charlier & de Launay (1979), Stern (1992), Waite (1993), Aberbach (1995), Erikson (1995), Delpla (1999) e Kershaw (1999).

15. Testemunhas da época afirmam lembrarem-se de que, no funeral desta criança, os pais não estiveram presentes. Da família, apenas o pequeno Adolf lá terá estado (Waite 1993).
16. Rappaport fala de 'um retorno inconsciente à escuridão do útero materno' (1974: 520).
17. Hitler sofreria de monarquismo ou de criptorquídia (Waite 1993).
18. Foi condecorado com a Cruz de Ferro.
19. Hitler aderiu ao DAP (Partido dos Trabalhadores Alemães) que, mais tarde, em 1919, veio a denominar-se NSDAP. As SA (*Sturmabteilung*, tropas de assalto) são criadas em 1921. O sangrento e abortado *putsch* de Munique, que levou Hitler à prisão por cerca de um ano, teve lugar em 1923.
20. 'Acorda, Alemanha!'
21. Cit. in Kershaw 1987: 73.
22. Cit in Sereny 1996: 478.
23. Embora não seja aqui possível fazê-lo, seria interessante perceber por que Hitler, aparentemente, parece escapar ao destino dos líderes dos grupos dependentes (por sinal, o mesmo aconteceu com Oliveira Salazar). Bion considerava, como vimos, que este tipo de líder é rapidamente substituído quando deixa de prometer, credivelmente, a cura. É difícil determinar o 'ponto de viragem' do líder Hitler – muitos livros se têm escrito sobre o assunto. Um momento, ou momentos – provavelmente a Batalha de Stalingrado – terá havido em que Hitler perde, irremediavelmente, a ligação à realidade e cai num isolamento autista. A explicação poderá ter a ver com a manipulação subsequente do estado mental da sociedade alemã no seu conjunto, na qual terão passado a predominar as emoções primitivas associadas ao pressuposto de ataque/fuga, alimentadas pela pressão exercida pelo inimigo externo (neste caso, real). Ou, talvez, Hitler correspondesse, na fantasia colectiva, ao tipo de líder apenas substituível pelo seu desaparecimento (cf. a crónica de Carlos Amaral Dias no *Diário de Notícias* de 24/3/2002, intitulada 'Em Nome do Pai').

REFERÊNCIAS

- Aberbach, David
1995 'Charisma and Attachment Theory: A Cross Disciplinary Interpretation'. *International Journal of Psycho-Analysis*, 76. pp.845-55.

- Bion, Wilfred
 1991a *A Memoir of the Future. Book I: The Dream.* Londres: Karmac (edição original 1975).
 1991b *The Long Week-End. 1897-1919. Part of a Life.* Londres: Karmac (edição original 1982) .
 1993 *Attention and Interpretation.* Londres: Karmac (edição original 1970).
 1994 *Experiences in Groups and Other Papers.* Londres e Nova Iorque: Routledge (edição original 1961).
- Bromberg, Norbert
 1974 'Hitler's Childhood'. *International Review of Psycho-Analysis*, 1. pp.227-44.
- Charlier, J.M. e Launay, J.
 1979 *Hitler et Eva Braun.* Bruxelas: Éditions J.M.Collet.
- Dias, Carlos Amaral
 2002 'Em Nome do Pai'. *Diário de Notícias* (24/3/2002).
- Erikson, Erik
 1995 *Childhood and Society.* Londres: Vintage (edição original 1950).
- Fest, Joachim
 1974 *Hitler.* São Diego: Harvest.
- Freud, Sigmund
 1921 'Group Psychology and the Analysis of the Ego'. *S.E.*, 18. Londres: Hogarth Press. pp. 69-143.
- Langer, William
 1972 *The Mind of Adolf Hitler: The Secret Wartime Report.* Nova Iorque: Basic Books.
- Kershaw, Ian
 1999 *Hitler. 1889-1936.* Londres: Penguin Books.
- Lindholm, Charles
 1990 *Charisma.* Cambridge, MA: Blackwell.
- Luzes, Pedro
 1978 'Sobre a Vida e Obra de Melanie Klein'. *Análise Psicológica*, 4. pp.65-70.
- Meltzer, Donald
 1986 'Family Patterns and Cultural Educability'. In *Studies in Extended Metapsychology: Clinical Applications of Bion's Ideas.* Londres: Clunie Press. pp.154-74.

- 1994 'A Psychoanalytic Model of the Child-in-the-Family-in the-Community'. In *Sincerity and Other Works: Collected Papers of Donald Meltzer*. Coordenado por A. Hahn. Londres: Karnac Books. pp.387-454.
- Pracana, Clara
2001 *O Líder Sedutor*. Lisboa: Climepsi.
- Rappaport, Ernest
1974 'The Development of an Obsessional Paranoid Delusion'. *International Review of Psycho-Analysis*, 1. pp.517-27.
- Sereny, Gitta
1996 *Albert Speer: His Battle with Truth*. Londres: Picador.
- Skolnick, Marvin
1998 'Schizophrenia from a Group Perspective'. In *Bion's Legacy to Groups*. Organizado por Parthenope Bion Talamo, Franco Borgogno e Silvio A. Merciai. Londres: Karnac. pp.69-82.
- Stern, J.P.
1992 *Hitler: The Führer and the People*. Berkeley: University of California Press. Talamo, Parthenope Bion; Borgogno, Franco; Merciai, Silvio A.
- 1998 *Bion's Legacy to Groups*. Londres: Karnac.
- Waite, Robert
1993 *The Psychoanalytic God: Adolf Hitler*. Nova Iorque: Da Capo Press.
- Zalesnik, Abraham
1984 'Charismatic and Consensus Leaders: A Psychological Comparison'. In *The Irrational Executive: Psychoanalytic Explorations in Management*. Organizado por Manfred Kets de Vries. Nova Iorque: International University Press. pp. 222-38.

**Alemanha de Hitler:
o Nazismo como Fenómeno Grupal.
Uma Perspectiva Bioniana.**

**Hitler's Germany:
Group Dynamics in Nazism.
A Bionian Perspective.**

Sumário

Summary

Wilfred Bion, no seu trabalho com grupos iniciado depois da Primeira Guerra Mundial, analisou um tipo particular de funcionamento grupal que designou por 'pressuposto básico', no qual o grupo se comporta como se os seus membros partilhassem as mesmas ansiedades primitivas e fantasias. Estes estados emocionais emergem de forma imprevisível de uma matriz primitiva, o 'sistema protomenta', forçando o grupo a um tipo de funcionamento frequentemente psicótico. Num 'pressuposto básico de dependência', as emoções dominantes do grupo são a impotência, a dependência e a frustração e o líder emergente é, no entender de Bion, o mais doente dos seus membros. Aplicando estes conceitos de Wilfred Bion, a autora desenvolve uma interpretação do fenómeno do nazismo e da figura de Adolf Hitler como uma interação (dinâmica) entre a sociedade alemã (um grupo com vários sub-grupos) e os traços psicopáticos do líder, cuja marcada 'valência', no sentido bioniano, lhe permitiu identificar, manipular e reforçar os sentimentos de dependência do grupo a quem prometeu a 'cura'.

Wilfred Bion dealt extensively with groups after the World War I and studied their particular behaviour when they moved to a state he referred to as 'basic assumption' – the group behaving 'as if' they shared the same beliefs about something. These emotional states emerge in unpredictable ways, stemming from an archaic mental system – Bion called it 'the protomenta system' – and forcing the group to basic assumption modes of functioning which are often psychotic. Under the conditions of the 'basic assumption dependence', the dominant emotions of the group are impotence, dependency and frustration; its leader being, in Bion's terms, the most sick of its members. By applying Bion's concepts and terminology, the author analyses nazism and the figure of Adolf Hitler within the scope of the dynamic interaction between German society (a group with various sub-groups) and a leader with psychopathic traits whose special 'valency', in Bion's terms, allowed him to capture, manipulate and reinforce the emotions of dependency of the group to whom he promised the 'cure'.